



Contribuição das bibliotecas escolares no efeito das escolas relacionado à prova Brasil - Leitura

Marília de Abreu Martins de Paiva
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

Resumo: Objetivando investigar as possíveis contribuições das bibliotecas escolares no efeito das escolas verificado por meio dos resultados dos alunos, especialmente no aprendizado em Língua Portuguesa, estudam-se tais bibliotecas nos municípios de Belo Horizonte, Contagem e Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Para atingir esse objetivo foram estudadas 24 bibliotecas escolares daqueles municípios, incluindo escolas municipais e estaduais, utilizando-se como base os Parâmetros para Bibliotecas Escolares. Como resultados preliminares da pesquisa, observa-se a influência da estrutura de apoio dos sistemas de ensino àquelas bibliotecas em sua estruturação e funcionamento. Porém, a análise ainda incipiente já aponta para a influência de fatores muito mais diversos.

Palavras-chaves: Bibliotecas escolares. Efeito das escolas. Belo Horizonte. Contagem. Betim.

1 INTRODUÇÃO

Estudos internacionais, sobretudo norteamericanos, tem sustentado a importância das bibliotecas escolares nos resultados dos alunos (CAMPELLO, 2012), contudo, no Brasil, estudos propondo investigar a real contribuição das bibliotecas escolares são mais recentes. Nesse sentido, este trabalho¹ pretende verificar as contribuições que as bibliotecas escolares podem oferecer ao resultado das escolas públicas, tomando por base de pesquisa as cidades de Belo Horizonte, Betim e Contagem, as mais populosas da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), utilizando o índice “efeito das escolas”, que é

¹ Pesquisa de doutorado em curso no Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCI/ECI/UFMG).



desenvolvido a partir dos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), aferido por meio da Prova Brasil-Leitura. Assumimos a premissa já verificada em estudos estrangeiros, de que a melhoria das bibliotecas escolares faz parte inseparável da melhoria das escolas, e que aquelas, portanto, fazem a diferença nos resultados escolares e podem ser projetadas a partir de exemplos de sucesso e também de metas estabelecidas a partir de análises criteriosas.

Tomamos as bibliotecas escolares no contexto de políticas educacionais e dentro da perspectiva do capital cultural de Bourdieu: a de que “as crianças de classes sociais superiores recebem de suas famílias recursos culturais os mais diversos que se transmutam em vantagens no mercado escolar” (NOGUEIRA, 2011, p.80), sendo a escola “a única instituição capaz de criar a atitude cultivada” (BOURDIEU, 2014,p. 69), ou seja, “desenvolver em todos os membros da sociedade, sem distinção, a aptidão para as práticas culturais que a sociedade considera como as mais nobres” (BOURDIEU, 2014,p.69-70). A partir dessa concepção, pretendemos verificar como as bibliotecas escolares podem fazer parte do efeito das escolas sobre os resultados dos alunos. O efeito das escolas, por sua vez, vem a ser “o impacto das escolas para desempenho acadêmico dos alunos, após o controle das características de origem social dos alunos e do contexto das escolas” (ALVES, SOARES, 2007, p.435).

Nesse contexto teórico, propomos o seguinte problema de pesquisa: quais são as características das bibliotecas escolares das escolas públicas de Belo Horizonte, Contagem e Betim com mais alto índice “efeito das escolas” em língua portuguesa que podem servir de evidência da contribuição das bibliotecas escolares nos resultados dos alunos? Assim buscaremos compreender como as bibliotecas escolares contribuem ou poderiam contribuir para os resultados dos alunos.



2 A BIBLIOTECA ESCOLAR

Dois documentos podem ser considerados indispensáveis para definir as bibliotecas escolares: o Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar, de 1999, e as Diretrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares, de 2002. Ambos os documentos foram publicados como autoria conjunta da *International Federation of Library Association* (IFLA) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)².

O primeiro documento apresenta a missão da biblioteca escolar, que é a de promover “serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION - IFLA, 1999, p. 1) e trata desde aspectos do pessoal e acervo da biblioteca escolar quanto de financiamento, legislação e redes para o pleno cumprimento de sua missão. Tomando a biblioteca escolar como parte do processo educativo, lista seus objetivos:

apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola; desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida; oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento; apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos; prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões; organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade; trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola; proclamar o conceito de

² A sigla corresponde ao nome em inglês *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*.



que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia; promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor (IFLA, 1999, p. 2-3).

O segundo documento, as “Diretrizes” de 2002, de maior envergadura e profundidade, propõe-se a ser “apoio e guia à comunidade das bibliotecas” (IFLA, 2002, p. 3) e divide-se em 5 seções bem detalhadas: missão e política, recursos, pessoal, programas e atividades e promoção. Em missão e política é apresentada a base conceitual e os passos para o desenvolvimento de política coerente com a missão da biblioteca escolar, assim como a ideia de avaliação e monitoramento da biblioteca, com apresentação de indicadores relativos à utilização, recursos (acervo e tecnologia), recursos humanos, mais indicadores qualitativos (relacionados aos usuários), financeiros e comparativos (com outras bibliotecas). Na seção recursos, são explicitados aspectos de financiamento e orçamento da biblioteca, localização e espaço, mobiliário e equipamento, equipamento eletrônico e audiovisual, outros recursos materiais, política de gestão da coleção, fundos documentais e recursos eletrônicos. Na seção pessoal, são detalhados os atores, perfis, funções, competências, deveres e padrões éticos do bibliotecário e dos auxiliares para uma biblioteca escolar, a relação que deve ser estabelecida entre bibliotecário e professores. Na seção sobre os programas e atividades, apresentam-se as bases para o desenvolvimento de programas e atividades dentro da escola, na qual são destacados os outros atores: os alunos, o diretor, os professores e os pais; e, também, propõem-se atividades em parceria com bibliotecas públicas. Na seção relativa à promoção da biblioteca, destacam-se a política de *marketing* e a formação de utilizadores (professores e alunos), além de um modelo de programa de competências (de estudo, de aprendizagem autônoma, de cooperação, de planejamento, de localização e recolha, de seleção e valorização, de organização e registro, de comunicação e realização, de avaliação) e literacia da informação. Esse modelo completo do significado e da atuação da biblioteca escolar, com forte influência da



realidade estadunidense, tem sido disseminado como um ideal de biblioteca plenamente integrada à função educativa e ao ambiente e objetivos escolares.

A biblioteca escolar tem tido definidas diferentes definições, sendo sua função identificada às vezes de modo mais amplo, outras vezes de modo mais restrito. Fonseca (2007, p. 53) define biblioteca escolar apenas como a que oferece “infraestrutura bibliográfica e audiovisual do ensino fundamental e médio” tendo por objetivo específico “fornecer livros e material didático tanto a estudantes como a professores”. A própria Lei das bibliotecas escolares (BRASIL, 2010) define biblioteca escolar apenas como “a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura”. Em um manual publicado pelo governo federal, a biblioteca escolar é apresentada como um espaço desejável que, contudo, pode ser substituído, com adaptações e soluções criativas (PEREIRA, 2006). Campello e outros (2002) destacam a função educativa da biblioteca escolar, seja na formação do leitor, seja na formação da competência informacional do aluno, que o torna capaz de localizar, selecionar e interpretar informações, em diversos suportes. Renata Souza, em 2009, organiza um livro em que a função de mediação da leitura literária é considerada prioridade na biblioteca escolar (SOUZA, 2009). Em um livro-manual de 2011, a biblioteca escolar, contudo, é apresentada no contexto da legislação educacional brasileira, com duas premissas: a obrigação do Estado de oferecer educação a todos os brasileiros e a integração da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem (CORTE; BANDEIRA, 2011). Na mesma obra, as autoras destacam que a biblioteca escolar

é um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito da leitura. Jamais será uma instituição independente, porque sua atuação reflete as diretrizes de outra instituição que é a escola (CORTE; BANDEIRA, 2011, p. 8).



Em 2012, Campello reforça a ampliação significativa do papel da biblioteca escolar: “do paradigma da leitura para o paradigma da aprendizagem” (CAMPELLO, 2012, p. 7) e apresenta diversas pesquisas internacionais que demonstram a efetividade da contribuição da biblioteca escolar nos resultados escolares. Em livro de 2012, Lúcia Maroto propõe uma biblioteca escolar como “um centro dinamizador da leitura e difusor do conhecimento produzido pela coletividade”, constituindo-se, portanto, uma “oportunidade concreta de acesso ao patrimônio científico e cultural” para as crianças (MAROTO, 2012, p. 75). Embora parta dessa concepção de biblioteca escolar e apresente, nesse mesmo livro, dados estatísticos das bibliotecas escolares no Brasil, nos capítulos em que descreve boas práticas em bibliotecas escolares, acaba por descrever, quase na totalidade, experiências ligadas somente à leitura literária.

Já a pesquisadora espanhola Glória Durban Roca, em livro publicado no Brasil, também em 2012, aborda os aspectos mais relevantes para o entendimento da biblioteca escolar como um recurso educacional, não sem antes destacar duas dimensões dela: uma dimensão física, que facilita a seleção coordenada de materiais informativos e literários e favorece o desenvolvimento de práticas de leituras e de habilidades intelectuais; e uma dimensão educacional, que promove a criação de processos de ensino–aprendizagem e apoia o desenvolvimento do projeto curricular e educacional da escola (DURBAN ROCA, 2012). Para essa autora, a biblioteca escolar não é um “centro de recursos a serviço da aprendizagem”, mas, sim, um “contexto de aprendizagem onde, graças à interação com determinados recursos, processos de ensino e aprendizagem e práticas de leitura são facilitados” (DURBAN ROCA, 2012, p. 26).

Interessante notar, por outro lado, do ponto de vista dos pesquisadores em educação, algumas características que fazem da biblioteca escolar espaço único de oportunidades culturais na escola, tanto na aquisição da proeficiência e gosto pela leitura quanto pela aquisição de competências informacionais. Por um lado, a necessidade social da leitura tornou o domínio da leitura de desejável a obrigatório nos últimos séculos, e o domínio



incompleto da leitura, que no Século XIX e até início do Século XX podia ser aceitável, tornou-se uma “carência quase insuperável no início do séc. XXI” (MERLE, 2011, p.178). Por outro lado, para Ganzeboom³ (1982 *apud* COULANGEON, 2011, p. 285), “a influência da escola nas práticas culturais se exerce prioritariamente pelo viés da aquisição de uma aptidão geral no tratamento da informação”.

3 MÉTODO

Utilizando-se dos dados do IDEB e especificamente da Prova Brasil, que lhe serve de base, assim como o questionário respondido pelo aluno no dia da prova, a pesquisadora Maria Teresa Gonzaga Alves⁴, da Faculdade de Educação da UFMG (FAE/UFMG) calculou o índice “efeito das escolas”⁵. O efeito da escola indica o numero de pontos na proficiência de cada aluno que pode ser atribuído ao fato de ele frequentar uma escola específica, e não a fatores individuais ou socioeconômicos. A pesquisadora supracitada gentilmente cedeu para esta pesquisa os dados brutos do “efeito das escolas” relacionados à prova de língua portuguesa de todas as escolas públicas dos 3 municípios mais populosos da RMBH. A seleção dos resultados referentes à prova de língua portuguesa (leitura) justifica-se pela pretensamente óbvia contribuição das bibliotecas escolares sobre as habilidades de leitura e compreensão de textos.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma proposta de pesquisa descritiva sobre as bibliotecas escolares, em que será feita a “descrição das características (...), um estudo

³ GANZEBOOM, H. Explaining differential participation in high-cultural activities: a confrontation of information-processing and status-seeking theories. *In: RAUB, W. (Org.). Theoretical models and empirical analyses*. Utrecht: ES Publications, 1982. p. 186-205.

⁴ ALVES, M. T. G. Efeito escola e os fatores associados ao progresso acadêmico dos alunos entre o início da 5 série e o início da 6 série do EF: um estudo longitudinal em escolas públicas no município de Belo Horizonte. 2006. 190p. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte.

⁵ Ou “efeito escola” ou ainda “efeito estabelecimento”, conforme traduções de literatura francófona.



descritivo de determinado fenômeno e suas variáveis” (SANTOS, 2013, p.197). O estudo tomará por base uma amostra não probabilística, qual seja: a amostragem por julgamento. Nesse tipo de amostragem, “classifica-se em amostra intencional, (...) selecionando por interesse⁶ e responsabilidade do pesquisador” (SANTOS, 2013, p.142) e ainda, por área geográfica. Essa escolha se dará por meio do índice padronizado de “efeito escola” dentre as escolas públicas de Belo Horizonte, Contagem e Betim. Inicialmente a proposta era conhecer apenas as 12 escolas com índice superior a +15.

A inicial proposta de envio do formulário básico dos Parâmetros para Bibliotecas Escolares do Grupo de Estudos de Bibliotecas Escolares (GEBE/ECI) e Conselho Federal de Biblioteconomia (CRB) às 566 escolas públicas identificadas nas três cidades supracitadas, foi substituída por inclusão na amostra de escolas fora do alto padrão de “efeito escola”, de modo a se obter alguma possibilidade de comparação mais efetiva, com a visita da pesquisadora a cada uma das escolas. Dessa forma, a amostra passou de 13 para 24 escolas. Outro ponto considerado foi a existência de 4 sistemas de ensino: 3 municipais e 1 estadual. Assim, apurou-se a amostra em 6 escolas de cada um dos 3 sistemas municipais e 6 escolas do sistema estadual. Antes da visita às escolas, ainda, foram feitos encontros com os gestores dos quatro sistemas de ensino supracitados, para se buscar compreender a concepção de biblioteca escolar existente e também conhecer a forma de coordenação das bibliotecas escolares de cada um dos sistemas de ensino.

Todas as 24 escolas foram visitadas, e em cada uma delas foi realizada observação não participante de no mínimo 2 horas, para se conhecer um pouco da dinâmica da biblioteca escolar. Além disso, nessa ocasião, foi preenchido pela pesquisadora um formulário baseado nos Parâmetros do GEBE (GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECAS ESCOLARES, 2010), já citados. Para completar o quadro, 4 agentes da comunidade escolar – responsável pela biblioteca, diretor, pedagogo (ou correspondente) e

⁶ Por meio de índice padronizado “efeito das escolas”.



professor de língua portuguesa – responderam a um questionário baseado nos instrumentos de pesquisa da “Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil” (BRASIL, 2011). Nesses questionários foi acrescida uma questão sobre a função da biblioteca escolar, baseada nas funções preconizadas nas Diretrizes IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares. Dessa forma, pretendeu-se conhecer a realidade das bibliotecas sob diferentes ângulos complementares, que podem ser tomados como relevantes para a verificação de possível contribuição de tais bibliotecas para os bons resultados na escola sobre o aprendizado dos alunos em Língua Portuguesa.

4 RESULTADOS

Finda a coleta de dados em dezembro de 2015, o processo de análise dos dados, ainda está incipiente. Ao final da pesquisa esperamos conseguir identificar as características das bibliotecas de escolas públicas que podem ser apontadas como características de escola de sucesso, ou seja, escola que conseguiram influenciar positivamente os resultados dos seus alunos, a despeito das condições socioeconômicas e culturais de origem (isto é, a despeito de seu capital cultural). Resultados preliminares apontam para uma óbvia dependência - mas surpreendentemente não total - das condições, ações e serviços da biblioteca escolar, da estrutura existente para elas em cada sistema de ensino.

As bibliotecas escolares de Belo Horizonte - cujo “Programa de Bibliotecas”, dentro da secretaria Municipal de Educação (SMED), tem já vários instrumentos e manuais publicados, além de consolidada prática de encontros periódicos de formação, acompanhamento e avaliação - tem as bibliotecas mais uniformes entre si, no que diz respeito a ações e desenvolvimento de coleção. O quadro de pessoal nessas bibliotecas é formado por um bibliotecário coordenador para cerca de 5 escolas (uma delas denominada biblioteca-polo), e auxiliares de biblioteca concursados em todos os turnos de



funcionamento, em cada uma delas. Já ao ingressar na rede os auxiliares participam de formação inicial sobre o Programa de Bibliotecas, a organização da biblioteca escolar e pesquisa escolar. Além das publicações básicas de organização e gestão de recursos, publica-se anualmente um guia para orientar o uso dos *kits* de literatura providos pelo município. As bibliotecas têm garantidas para si percentual das verbas enviadas à escola, o que permite constante desenvolvimento do acervo.

Já em Contagem, segundo município com maior população da RMBH, a coordenação das bibliotecas escolares é feita, diferentemente, por um grupo de bibliotecários centralizados na Secretaria de Educação, e o quadro das escolas é formado por auxiliares de biblioteca concursados, complementados por professores “em desvio de função” ou ainda auxiliares contratados. O município ainda não possui publicações de manuais para as bibliotecas, mas já tem publicadas algumas “Instruções de serviços” que ordenam alguns procedimentos e delimitam algumas funções da biblioteca dentro das escolas. Em anos anteriores havia a determinação de que um percentual da verba da escola fosse destinado para a biblioteca, mas isso foi descontinuado entre uma gestão municipal e outra.

No terceiro município, Betim, a estrutura de apoio e coordenação das bibliotecas escolares está ainda menor: o cargo de bibliotecário foi extinto⁷, anos atrás, do quadro de pessoal da Secretaria de Educação, embora existam auxiliares de biblioteca concursados em todas as escolas. Existe somente um servidor na Secretaria de Educação que orienta os auxiliares das bibliotecas, quando solicitado, em demandas relacionadas à gestão do livro didático. Acontece que, sem uma estrutura de organização, capacitação, acompanhamento e avaliação, as bibliotecas escolares estão sujeitas à maior influência dos dirigentes escolares – que podem ter ideias ultrapassadas ou simplesmente equivocadas sobre a função e

⁷ No momento em que se publica o artigo, após autuação do CRB6ª região, o processo de recriação do cargo está em curso.



potencialidades da biblioteca escolar. Essas bibliotecas muitas vezes se tornam meros depósitos de livros, sem serviços e atividades pertinentes à sua finalidade, sem registro de ações e serviços, sem grande controle do acervo, inclusive. Em alguns casos, onde há auxiliares de biblioteca mais veteranos, encontramos o resultado de antigas formações e capacitações promovidas quando ainda havia coordenação das bibliotecas: organização mínima do acervo, registro de dados estatísticos, etc.

Na rede estadual de ensino encontramos a estrutura mais precária entre todas: não há o cargo de bibliotecário nem de auxiliar de biblioteca e a função de auxiliar é executada praticamente na sua totalidade por professores em desvio de função - muitos deles em ajustamento funcional decorrente de problemas de saúde – numa ocupação formalmente denominada “professor em uso de biblioteca”. Os ocupantes dessa função, que existe há décadas, não tem qualquer tipo de orientação, acompanhamento ou capacitação da Secretaria de Educação ou das Superintendências Regionais de Ensino, espalhadas pelo estado. Eles agem por conta própria, dentro de suas limitações e a partir de sua experiência como professor. Da mesma forma que em Betim, sofrem grande influência dos dirigentes escolares e, devido ao seu cargo original de professor e à sua condição de desvio de função, são designados para diversas tarefas na escola, nem sempre coerentes com a função da biblioteca escolar.

Em comum aos quatro municípios existem alguns problemas também. Dos quatro sistemas de ensino estudados, Belo Horizonte é o único cujas bibliotecas tem recursos orçamentários próprios para desenvolvimento de coleções. Os outros três (Betim, Contagem e estadual) dependem totalmente dos envios do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), via Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), como forma de aquisição de acervo. Algumas escolas desses sistemas de ensino, em particular, recorrem à política de cobrança de pequenas multas por atraso de entrega de livros e outras formas alternativas de arrecadação na escola (venda de merenda, gincanas)



como forma de atualizarem seus acervos de literatura para atender às demandas dos seus alunos, principalmente. Sem orientação do profissional bibliotecário e sem formação adequada, a mediação dos acervos é precária, e muitos livros destinados aos professores, por exemplo, se encontram perdidos em estantes e armários, sem uso. Outro problema comum, com raras exceções – e nesse ponto pode-se destacar, sim, que as exceções estão nas escolas com alto “efeito escola” – é que a biblioteca escolar, nos três sistemas de ensino, tem seu cotidiano marcado pelo ocupante de cada turno na escola. Ou seja, com ou sem recursos, pequena ou grande, a biblioteca escolar funciona diferentemente em cada turno, dependendo do ocupante daquele horário, e as diferenças muitas vezes são notáveis nos serviços e ações realizadas e na forma como são realizadas. Isso só é minimizado em pouquíssimas escolas que tem uma direção muito determinada (e, pode-se dizer, mais rígida) que estabelece um modelo de atuação de biblioteca nos diferentes turnos. Só que esse modelo de atuação não é referente ao sistema de ensino, mas sim referente à direção daquela escola, e essa característica da direção aparece mais claramente nas escolas com alto “efeito escola”. Também verificamos que essa uniformidade nos turnos não significa uma boa atuação da biblioteca escolar, pois encontramos diferentes padronizações: uma escola em que a biblioteca atua como grande fomentadora da literatura na escola, tendo papel central e vibrante na formulação e execução de ações, e outra em que o padrão é a biblioteca totalmente subserviente aos projetos da escola, podendo inclusive ficar fechada para que a auxiliar “dê aulas de reforço” para alguns alunos, fugindo da concepção desejável de biblioteca escolar.

Contudo, não se pôde estabelecer, até agora, sem a finalização da análise dos dados, uma correlação direta entre as bibliotecas, sua estrutura física, recursos, ações e serviços, com os resultados escolares. Há mesmo alguns extravagantes exemplos de bibliotecas pífias em escolas com bons resultados escolares, e bibliotecas muito mais ativas, interessantes e bem estruturadas, em escolas com resultados considerados muito baixos. O início da análise



parece apontar para causas multifatoriais, que talvez consigam ser sinalizadas com a finalização dos trabalhos, por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a pesquisa terá relevância especial por usar como ponto de partida, talvez pela primeira vez no Brasil, no estudo das bibliotecas escolares, índices consagrados e validados da avaliação escolar, adotados no país e desenvolvidos por pesquisadores da área de sociologia da educação (efeito das escolas), superando análises por demais endógenas e que não vinculam as qualidades da biblioteca escolar aos resultados escolares atestados pelas provas padronizadas. Por outro lado, os resultados preliminares já sugerem múltiplas influências possíveis para a atuação da biblioteca na escola, o que se constatará, mais detalhadamente, após a finalização da análise de todos os instrumentos de pesquisa utilizados.

Contribution of school libraries in effect of schools related to the test Brasil-Reading

Abstract: In order to investigate the possible contributions of school libraries in effect of schools verified by the results of the students, especially learning in Portuguese, study up such libraries in the cities of Belo Horizonte, Contagem and Betim, in the Metropolitan Region of Belo Horizonte (RMBH). To achieve this goal we studied 24 school libraries of those municipalities, including municipal and state schools, using as basis the Parameters for School Libraries. As preliminary results of the survey, there is the influence of the



support structure of education systems in structure and functioning of these libraries . But still incipient analysis already points to the influence of very diverse factors.

Keywords: School libraries. Effect of schools. Belo Horizonte. Contagem. Betim.

REFERÊNCIAS

ALVES M. T. G.; SOARES, J. F. A pesquisa sobre o efeito das escolas: contribuições para a sociologia da educação. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 22, n. 2, p. 435-473, maio/ago. 2007.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI (Org.). **Escritos de educação**: Pierre Bourdieu. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. P.43-72.

BRASIL. Ministério da Educação. Organização dos Estados Ibero-Americanos. **Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil**. São Paulo: Edições SM, 2011.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 maio 2010. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm>. Acesso em: 10 maio 2015.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 143p.

CAMPELLO, B. S. *et al.* **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CORTE, A. R.; BANDEIRA, S. P. **Biblioteca escolar**. Brasília: Brique de Lemos/Livros, 2011.

COULANGEON, P. Efeitos culturais da educação. In: VAN ZANTEN, A. **Dicionário da educação**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 284-288.

DURBAN ROCA, G. **Biblioteca escolar hoje**: recurso estratégico para a escola. Porto Alegre: Penso, 2012.

FONSECA, E. N. da. **Introdução à biblioteconomia**. 2 ed. Brasília, DF: Brique de Lemos Livros, 2007.



GRUPO DE ESTUDOS SOBRE BIBLIOTECA ESCOLAR. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para a biblioteca escolar. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION (IFLA). UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. 1999. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2015.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION (IFLA). UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Directrizes da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. 2002. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2015.

MAROTO, L. H. **Biblioteca escolar, eis a questão**: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MERLE, P. Democratização do ensino. In: VAN ZANTEN, A. **Dicionário da educação**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 174-179.

NOGUEIRA, M. A. Capital cultural. In: VAN ZANTEN, Agnés. **Dicionário da educação**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 80-82.

PEREIRA, A. K. **Biblioteca na escola**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de educação básica, 2006.

SANTOS, Izequias Estevan dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 10 ed. Niterói: Impetus, 2013. 384p.

SOUZA, R. J. de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

Informações das autoras

Marília de Abreu Martins de Paiva
Professora Assistente
Escola de Ciência da Informação / UFMG



Curriculum Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4131968U2>

Email: mariliapaiva@ufmg.br

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

Professora Associada

Escola de Ciência da Informação / UFMG,

Curriculum Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4723809P6>

Email: bogliolo@eci.ufmg.br

